

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

Mulheres que Orientam Mulheres: A Filosofia em Perspectiva Comparada

Marcos Fanton, Carolina de Melo Bomfim Araújo, Hugo Ribeiro Mota, Mitieli Seixas da Silva, Fernando de Sá Moreira, Raquel Canuto

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.10393>

Submetido em: 2024-11-08

Postado em: 2024-11-18 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Mulheres que Orientam Mulheres: A Filosofia em Perspectiva Comparada

[*VERSÃO PREPRINT (11.2023) – MANUSCRITO EM AVALIAÇÃO*]

Carolina Araújo

Instituição: UFRJ

E-mail: correio.carolina.araujo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6144-8077>

Marcos Fanton

Instituição: UFSM

E-mail: marcos.fanton@ufsm.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5360-3647>

Hugo Ribeiro Mota

Instituição: University of Oslo

E-mail: h.r.mota@ifkk.uio.no

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9010-1064>

Fernando de Sá Moreira

Instituição: UFF

E-mail: fernandosm@id.uff.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9545-435X>

Mitieli Seixas da Silva

Instituição: UFSM

E-mail: mitieli.silva@ufsm.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0492-2072>

Raquel Canuto

Instituição: UFRGS

E-mail: raquel.canuto@ufrgs.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4042-1913>

RESUMO: Este é um estudo descritivo da desigualdade de gênero na pós-graduação em Filosofia em perspectiva comparada com outras áreas no Brasil. DAdos do Catálogo de Teses e Dissertações de 1991 a 2021 foram analisados segundo três indicadores: orientadoras, autoras e relação orientadora-autora. Avaliou-se as Grandes Áreas, as Ciências Humanas e as dez áreas com menor presença de autoras. Os resultados mostram que todas as áreas de maioria feminina entre os concluintes apresentam mulheres orientando, pelo menos, 50% a mais de mulheres que de homens. Não se verifica que homens orientem mais mulheres do que homens sem que tal padrão seja o caso, e ele está ausente nas dez áreas mais desiguais. Na Filosofia, os homens orientaram mais que o dobro e as mulheres quase o dobro de homens que mulheres.

Palavras-chaves: relações de gênero; ensino superior; pós-graduação; filosofia.

Women Who Supervise Women: Philosophy in Comparative Perspective

ABSTRACT: This is a descriptive study of gender inequality in graduate programs in Philosophy in Brazil, in comparison with other scientific areas. Data from the CAPES's Thesis and Dissertation Catalogue from 1991 to 2021 were analyzed according to three indicators: female supervisors, female authors, and the supervisor-author relationship. The analysis focused on the major areas of scientific research, the Humanities, and the ten areas with the lowest presence of female authors. The results show that in all areas with a majority of female graduates, women supervise at least 50% more women than men. There is no evidence that men supervise more women than men, unless this pattern is observed, which is absent in the ten most unequal fields. In Philosophy, men supervised more than twice as many men as women, and women supervised almost twice as many men as women.

Keywords: gender gap; philosophy; higher education.

Introdução

Na última década, proliferaram estudos quantitativos sobre desigualdade de gênero na academia nas diversas áreas da pós-graduação brasileira. Grande parte desses estudos tem por interesse mensurar o tamanho dessa desigualdade e seu comportamento ao longo do tempo, e identificar a presença de fenômenos presentes na literatura (como efeito tesoura e teto de vidro) a partir de bancos de dados públicos formulados pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e pela Coordenação de Avaliação de Pessoal de Nível Superior (Capes). Estudos anteriores utilizaram as bases da Plataforma Sucupira Capes (<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>)¹, da Plataforma Lattes CNPq (<https://www.lattes.cnpq.br/>)², dos Bolsistas de Produtividade em Pesquisa CNPq (http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PQ_102003.curso)³ e, finalmente, da Plataforma Capes Dados Abertos (<https://dadosabertos.capes.gov.br/>), com as bases sobre Docentes e Discentes na Pós-Graduação *Stricto Sensu* do Brasil⁴ e o Catálogo de Teses e Dissertações.⁵ Neste artigo, utilizamos esse último banco, o Catálogo de Teses e Dissertações, para descrever o cenário da desigualdade de gênero nas relações de orientação (entre estudantes e orientadores homens e mulheres), o que consiste em um enfoque inédito.

Após a descrição da metodologia do estudo, apresentamos e discutimos os resultados de forma progressiva: começamos pelo cenário geral de todas as Grandes Áreas, passando pela Grande Área de Ciências Humanas. Depois disso, descrevemos as dez áreas com maior desigualdade de

¹ Bernd et al., 2017; Cândido et al., 2019; Estrela, 2020.

² Tuesta et al., 2019. Comparação entre a Plataforma Lattes e a de Bolsistas de Produtividade é encontrada em Marques, 2019.

³ Guedes et al., 2015; Valentova et al., 2017; Barros & Silva, 2019; Tonini & Araújo, 2019; Oliveira et al., 2021; Cunha et al., 2021; Arêas et al., 2023.

⁴ Autor, 2019; Cândido 2023a, 2023b. Comparações entre as bases de Docentes e Discentes e os Bolsistas de Produtividade do CNPq são encontradas em Freitas 2013; Tavares & Parente 2015; Venturini 2017; Naidek et. al, 2020.

⁵ Mena-Chalco & Rocha, 2014; Cruz et al., 2022.

gênero para, finalmente, tratar com mais detalhes da área da Filosofia. Em todos esses contextos, analisamos não apenas o número e a proporção de trabalhos orientados e redigidos por mulheres e homens, mas também a proporção dos trabalhos segundo a combinação do gênero do orientador e do autor.

Metodologia

Para a condução deste estudo, foram utilizados os bancos de dados disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da Plataforma Capes Dados Abertos. O Catálogo é uma fonte de dados de domínio público e amplamente utilizada em pesquisas científicas, pois reúne diversas informações relativas aos trabalhos acadêmicos defendidos em programas de pós-graduação *stricto sensu* em todo o país. Esses dados foram consolidados de 1987 a 2021, a partir do sistema Coleta CAPES, e consistem em 1.395.895 registros com 58 variáveis. A unidade de análise deste artigo são os trabalhos (teses e dissertações) defendidos em Programas de Pós-Graduação do Brasil e seus respectivos metadados. Assim, as análises consideram apenas pesquisas que chegaram a termo e, por isso, desconsideram pesquisas que tenham sido interrompidas ou que ainda estão em andamento.

As informações relacionadas a cada trabalho analisado neste estudo foram delimitadas da seguinte forma: o ano base da defesa dos trabalhos selecionados foi entre o período de 1991 a 2021 devido à falta de consistência no preenchimento do nome do orientador nos anos anteriores; as variáveis de detalhamento institucional dos trabalhos selecionadas foram tipo de grau acadêmico obtido pelo discente (Mestrado, Mestrado Profissional ou Doutorado), nome da Instituição de Ensino Superior (IES) à qual o trabalho é vinculado, região e unidade da federação da IES, bem

como a Grande Área de Conhecimento e a Área de Avaliação da CAPES às quais os Programas de Pós-Graduação estavam vinculados na data da coleta dos dados.

Além disso, as variáveis contendo o nome do orientador e o nome do discente foram utilizadas para a criação das variáveis de gênero. Os dados de sexo foram introduzidos no sistema Capes, mas, devido à Lei Geral de Proteção de Dados, eles não são disponibilizados publicamente. Portanto, foi necessário realizar uma classificação automatizada de gênero pelo cruzamento do primeiro nome dos autores com os dados do Censo do IBGE de 2010 (Meirelles, 2021). Dessa forma, foram obtidas três novas variáveis, que não estão presentes no banco original: gênero do orientador (homem ou mulher), gênero do discente (homem ou mulher) e a relação entre gênero de orientador e de discente (homem/homem, homem/mulher, mulher/homem, mulher/mulher). No caso específico da análise dos dados da Filosofia, o gênero dos orientadores não capturados automaticamente foi classificado manualmente.

Para manter o padrão de informação dos metadados escolhidos para o artigo, foram realizados alguns filtros de exclusão de observações. Foram removidos os trabalhos classificados como "Doutorado Profissional" (39 observações), os que não apresentavam identificação da Grande Área de Conhecimento (01 observação), aqueles que não puderam ter a identificação de gênero do orientador ou do discente (256.370 observações ou 18,65%) e os que não possuíam identificação de ano de defesa (01 observação). Após essa filtragem, o banco de dados utilizado para análise consistiu em 1.117.961 trabalhos. O banco de dados específico utilizado para as análises da Filosofia (como área de avaliação da CAPES) contém 11.945 observações. Na análise dos dados, as variáveis foram descritas com frequência absoluta e relativa através da elaboração de tabelas e gráficos. A

manipulação do banco de dados e as análises foram realizadas por meio do software R (versão 4.1.2, R Core Team, 2021)⁶.

Resultados e discussão: Gênero em Teses e Dissertações nas Grandes Áreas e nas Ciências Humanas

O século XX marcou o desaparecimento do hiato de gênero (*gender gap*) na educação brasileira, com as mulheres sendo a maioria da população a ter concluído a educação básica e o ensino superior (Beltrão & Alves, 2009). Em 1996, elas se tornaram maioria dos concluintes de pós-graduação. Como mostra a Tabela 1, a média geral de teses e dissertações defendidas por mulheres entre 1991 e 2021 é de 54,62%. Não obstante, os homens são maioria dos orientadores dos trabalhos defendidos no período, 59,24%. Entender quais foram as tendências do período passa por detalhar esses dados gerais por Grande Área. Entender por que o caso de Filosofia é especial nesse cenário passa por detalhar a área de Ciências Humanas.

Tabela 1 – Descrição do gênero de orientadores e estudantes de teses e dissertações defendidas no Brasil de acordo com as Grandes Áreas da CAPES e as Ciências Humanas (1991-2021)

Grande Área	Trabalhos n(%)	Orientador(a) n(%)		Estudante n(%)		Orientador(a)/Estudante n(%)			
		H	M	H	M	M/M	M/H	H/M	H/H
Ciências Agrárias	110.478 (9,88)	77.693 (70,32)	32.785 (29,68)	49.697 (44,98)	60.781 (55,02)	22.009 (19,92)	10.776 (9,75)	38.772 (35,1)	38.921 (35,23)
Ciências Biológicas	83.1145 (7,43)	45.747 (55,04)	37.368 (44,96)	30.471 (36,66)	52.644 (63,34)	25.659 (30,87)	11.709 (14,09)	26.985 (32,47)	18.762 (22,57)

⁶ O código utilizado para a limpeza e a análise dos dados e para elaboração das figuras e tabelas deste artigo estão disponíveis no seguinte endereço: https://github.com/marcosfanton/genero_filosofia. Além de Meireles, 2021, outros pacotes de dados foram utilizados, como Iannone et al., 2023, Wickham et al., 2019.

Ciências Da Saúde	177.935 (15,92)	88.827 (49,92)	89.108 (50,08)	57.849 (32,51)	120.086 (67,49)	69.046 (38,8)	20.062 (11,28)	51.040 (28,68)	37.787 (21,24)
Ciências Exatas E Da Terra	100.526 (8,99)	76.176 (75,78)	24.350 (24,22)	66.095 (65,75)	34.431 (34,25)	10.841 (10,78)	13.509 (13,44)	23.590 (23,47)	52.586 (52,31)
Ciências Humanas	186.268 (16,66)	86.488 (46,43)	99.780 (53,57)	71.790 (38,54)	114.478 (61,46)	69.459 (37,29)	30.321 (16,28)	45.019 (24,17)	41.469 (22,26)
Ciências Sociais Aplicadas	153.775 (13,75)	99.697 (64,84)	54.071 (35,16)	79.178 (51,49)	74.590 (48,51)	32.074 (20,86)	21.997 (14,31)	42.516 (27,65)	57.181 (37,19)
Engenharias	130.775 (11,7)	105.626 (80,77)	25.149 (19,23)	86.573 (66,2)	44.202 (33,8)	12.472 (9,54)	12.677 (9,69)	31.730 (24,26)	73.896 (56,51)
Linguística, Letras E Artes	68.345 (6,11)	25.362 (37,11)	42.983 (62,89)	22.190 (32,47)	46.155 (67,53)	30.943 (45,27)	12.040 (17,62)	15.212 (22,26)	10.150 (14,85)
Multidisciplinar	106.751 (9,55)	56.673 (53,07)	50.094 (46,93)	43.534 (40,78)	63.217 (59,22)	33.698 (31,57)	16.396 (15,36)	29.519 (27,65)	27.138 (25,42)
Total	1.117.961 (100)	662.273 (59,24)	455.688 (40,76)	507.377 (43,38)	610.584 (54,62)	306.201 (27,39)	149.487 (13,37)	304.382 (27,23)	357.890 (32,01)

Ciências Humanas

Antropologia	6.248 (3,35)	3.122 (49,97)	3.126 (50,03)	2.583 (41,34)	3.665 (58,66)	1.986 (31,79)	1.140 (18,25)	1.679 (26,87)	1.443 (23,1)
Ciência Política/RI	7.971 (4,28)	5.526 (69,33)	2.445 (30,67)	4.351 (54,59)	3.620 (45,41)	1.280 (16,06)	1.165 (14,62)	2.340 (29,36)	3.186 (39,97)
Educação	71.729 (38,51)	24.610 (34,31)	47.119 (65,69)	19.458 (27,13)	52.271 (72,87)	36.090 (50,32)	11.029 (15,38)	16.181 (22,56)	8.429 (11,75)
Filosofia	10.149 (5,45)	8.143(80,23)	2.006 (19,77)	7.181 (70,74)	2.968 (29,26)	681 (6,71)	1.325 (13,06)	2.287 (22,54)	5.856 (57,68)
Geografia	15.859 (8,51)	9.463 (59,67)	6.396 (40,33)	8.158 (51,44)	7.701 (48,56)	3.389 (21,37)	3.007 (18,96)	4.312 (27,19)	5.151 (32,48)
História	22.789 (12,23)	11.836 (51,94)	10.953 (48,06)	11.531 (50,6)	11.258 (49,4)	5.877 (25,79)	5.076 (22,27)	5.381 (23,61)	6.455 (28,33)
Psicologia	29.150 (15,65)	10.654 (36,55)	18.496 (63,45)	7.237 (24,83)	21.913 (75,17)	14.702 (50,44)	3.794 (13,02)	7.211 (24,74)	3.443 (11,81)
Sociologia	16.803 (9,02)	8.619 (51,29)	8.184 (48,71)	7.786 (46,34)	9.017 (53,66)	4.896 (29,14)	3.288 (19,57)	4.121 (24,53)	4.498 (26,77)
Teologia	5.570 (2,99)	4.515 (81,06)	1.055 (18,94)	3.505 (62,93)	2.065 (37,07)	558 (10,02)	497 (8,92)	1.507 (27,06)	3.008 (54)

Fonte: Elaboração própria a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Estipulamos para a análise desses dados que cenários em que a proporção entre homens e mulheres não supere 10 pontos percentuais de diferença são considerados equitativos, ou seja, para ser paritária a proporção deve localizar-se entre 45% e 55%. Na Tabela 1, constata-se que as Ciências

Humanas são a Grande Área com maior percentual de trabalhos defendidos no período (16,66%), apresentando maioria de orientadores (53,57%) e autores de trabalhos (61,46%) do gênero feminino. Ela é seguida pelas Ciências da Saúde, com 15,92% dos trabalhos defendidos, com equilíbrio de gênero entre os orientadores (50,08% de mulheres) e predominância acentuada de autores do gênero feminino (67,49%). A área de Linguística, Letras e Artes é a de menor produção (6,11%), mas ela também apresenta maioria feminina entre orientadores (62,89%) e autores de trabalhos (67,53%). Nessas três áreas, vê-se concomitância entre a predominância de orientadoras e a predominância de autoras.

As Engenharias constituem a área com maior percentual de orientadores (80,77%) e de autores (66,2%) do gênero masculino.⁷ Ela é seguida de perto pelas Ciências Exatas e da Terra, que tem 75,78% de orientadores e 65,75% de autores homens.⁸ As Ciências Sociais Aplicadas são a área mais produtiva (13,75% dos trabalhos) em que há predominância masculina entre os orientadores (64,84%), porém há ali equidade entre autores (48,51% de mulheres).⁹ Nota-se uma divergência na predominância de gênero entre orientadores e autores em três Grandes Áreas: nas Ciências

⁷ Silva et al. (2023: 7, 14) indica, com base em dados de 2019, que nos cursos de graduação as mulheres são 4,8% dos discentes de Engenharia Mecânica, 6% de Engenharia Eletrônica, 7,6% de Engenharia Elétrica, 21,6% de Engenharia Civil, 39,1% na Engenharia Química, 42,3% na Engenharia Ambiental, 49,4% na Engenharia Biomédica, 54,6% na Engenharia Bioquímica, 55,3% na Engenharia de Saúde e Segurança e 71% na Engenharia de Alimentos. Na pós-graduação, as mulheres são em média 20% dos docentes, com variações que vão de 18,4% a 24,29% dependendo da região do país.

⁸ Tuesta et al. (2019, 43) mostra, a partir de currículos cadastrados na Plataforma Lattes, diferenças nos números de pesquisadores e de produção entre as áreas da Grande Área de Ciências Exatas e da Terra, de modo que a Física tem a maior desigualdade (20,67% são mulheres) e a Química a menor (48,57% de mulheres). Sobre a área de Química, Naidek et al. (2020: 2, 4-5) mostram que as mulheres são 56% dos bolsistas de iniciação científica, 52% dos discentes da pós-graduação, 33% dos que receberam o Prêmio Capes de Tese, 36% dos docentes de pós graduação e uma diminuição gradativa das mulheres nas posições mais altas das bolsas de produtividade do CNPq.

⁹ Cruz et al. (2022: 462) analisou o Catálogo de Teses e Dissertações para as Ciências Sociais Aplicadas de 2010 a 2019, identificando 48,66% de trabalhos de concluintes mulheres e concluindo que as áreas com maior participação feminina são administração pública e de empresas, ciências contábeis e turismo. Para o caso específico da Contabilidade, Berndt et al. (2017: 417-421) mostra, com dados da Plataforma Sucupira de 2016, uma média de 36% de mulheres ingressantes na graduação, 44% no mestrado e 42% no doutorado.

Agrárias¹⁰, em que 29,68% de orientadoras contrastam com 55,02% de autoras; nas Ciências Biológicas, com 44,96% de orientadoras, mas 63,34% de autoras; e na área Multidisciplinar, que tem equidade entre orientadores (46,93% de mulheres), mas 59,22% de autoras.

As três Grandes Áreas que apresentam maioria feminina entre os orientadores têm desenvolvimento histórico diferente, como indicado no Anexo A do Material Suplementar. A Linguística Letras e Artes tem maioria feminina constante ao longo de todo o período (variação positiva de 4,7%). Essa maioria é recente para as Ciências da Saúde, que mostra uma acentuada tendência de alta ao longo de todo o período (sai de 20% em 1991 para 56,57% em 2021). As Ciências Humanas, que só conquistou essa maioria em 1996, já teve patamares mais altos do que a média da Tabela 1 (56,8% em 2009) e mostra ligeira tendência de queda. Nas demais Grandes Áreas, nota-se um quadro de ascensão no número de trabalhos orientados por mulheres nas duas primeiras décadas do período, seguida de uma última década bastante estável, mesmo nas áreas ainda distantes de situações equitativas. As Ciências Agrárias passam de 10,75% em 1991 a 23,59% em 2001 e a 32,75% em 2021. As Ciências Biológicas e a Grande Área Multidisciplinar¹¹ passam de cerca de 30% na primeira década a 45% na segunda década e mantêm esse nível. As Engenharias vão de 7,46% em 1991 a 20,76% em 2011 e permanecem nessa proporção. As Ciências Exatas e da Terra vão de 15,67% em 1991 a 25,5% em 2001 e praticamente mantêm essa média.

Em todas as Grandes Áreas há um avanço com respeito ao número de concluintes mulheres na primeira década analisada, e elas variam muito nas duas décadas subsequentes. Um movimento de alta constante é identificado nas Ciências Agrárias, que vai de um patamar de 37,91%, em 1991,

¹⁰ Estrela (2020) extraiu dados de produção de pesquisadores das Ciências Agrárias das plataformas Sucupira e Lattes entre 2013 e 2017 e concluiu que, dos docentes em programas de doutorado na área, 26,3% eram mulheres.

¹¹ Há uma anomalia nos dados dos 10 primeiros anos da Grande Área Multidisciplinar devido a alterações nas áreas que a constituem. Ela foi desconsiderada.

para 59,57% em 2021, e também nas Ciências da Saúde, que passa de 42,43% em 1991 a 69,75% em 2021, tornando-se a área em que proporcionalmente mais mulheres defendem trabalhos de pós-graduação. Um outro grupo avança bastante nos vinte primeiros anos e mantém esse nível nos últimos dez. A Grande Área Multidisciplinar começa com cerca de 46%, atinge 60% de trabalhos de autoria feminina em 2011 e permanece nesse patamar. As Engenharias têm, entre 1991 e 2011, um desenvolvimento muito expressivo, passando de 18,28% a 35,42% e mantêm-se neste último nível até o fim do período. As Ciências Sociais Aplicadas passaram de 37,4% em 1991 a 49,95% em 2011, e permaneceram nesse patamar de equidade. Um terceiro grupo apresenta trajetórias com momentos de baixa. As Ciências Biológicas têm uma trajetória de leve alta na primeira década (de 63,33% em 1991 para 66,48% em 2001), e leve baixa na segunda (62,3% em 2011), mantendo-se nessa proporção na terceira década. Na Linguística, Letras e Artes, a alta da primeira década (de 67,07% em 1991 a 71,19% em 2001) reverte-se em uma queda branda constante (2021 com 65,63%). Nas Ciências Humanas, níveis que oscilavam em torno de 63% nas duas primeiras décadas, passaram a uma constante de 60% na última década. As Ciências Exatas e da Terra, pior colocação entre as Grandes Áreas quanto ao número de trabalhos concluídos por mulheres, têm ligeira alta na primeira década, passando de 37,46% em 1991 a 39,98% em 2001, seguida de tendência constante de leve baixa até 31,92% em 2021.

Ao olharmos para os indicadores da relação entre gênero de orientadores e de autores, observamos que, para todas as Grandes Áreas em que as mulheres são maioria entre os concluintes, as orientadoras orientam mais do que o dobro de mulheres do que de homens. Essa observação nos fez cunhar o padrão MQOM que, como veremos adiante, será definido como o cenário em que mulheres orientam pelo menos 50% a mais de mulheres que de homens, ou seja, índice M/M por

M/H superior a 1,5. No cenário geral das Grandes Áreas, entretanto, MQOM é bem mais acentuado, com índice superior a 2 e, no total da pós-graduação brasileira, o índice MQOM é de 2,05. MQOM ocorre concomitantemente a situações em que H/H é superior, igual ou inferior a H/M. Não obstante, não há uma ocorrência em que H/M seja maior que H/H sem que o padrão MQOM seja o caso.

Veja-se o caso das Ciências Agrárias, em que há maioria de concluintes mulheres: verifica-se MQOM (19,92% de M/M contra 9,75% de M/H, resultando em um índice 2,04) concomitante a homens que orientaram equitativamente homens e mulheres (35,1% contra 35,23%). Compare-se as Ciências Agrárias com as Ciências Sociais Aplicadas, em que não há maioria de concluintes mulheres: os homens orientam 1,34 vez mais homens que mulheres (37,19% contra 27,65%), mas, entre as mulheres, apesar de elas terem orientado mais mulheres que homens, não se verifica o padrão MQOM (20,86% contra 14,31%, índice 1,45).

MQOM é claro em todas as áreas em que o número de trabalhos defendidos por mulheres supera o dos defendidos por homens. Dentre essas, há dois cenários. No primeiro deles, MQOM é concomitante a homens orientando equitativamente homens e mulheres. Na área Multidisciplinar, por exemplo, em que há quase 20% a mais de trabalhos defendidos por mulheres, os homens orientam equitativamente homens e mulheres (27,65% de mulheres contra 25,42% de homens), enquanto para as mulheres vale MQOM (31,57% de orientações de mulheres contra 15,36% de homens, índice 2,05). Também nas Ciências Humanas, em que há mais de 50% a mais de trabalhos defendidos por mulheres do que por homens, MQOM é o caso (37,29% de mulheres contra 16,28% de homens, índice 2,29) concomitante a homens que orientaram equitativamente mulheres e homens (24,17% de mulheres contra 22,26% de homens).

No segundo cenário, verifica-se o padrão MQOM concomitante a homens orientando mais mulheres do que homens. Nas Ciências Biológicas, os homens orientaram 1,44 vez mais mulheres que homens (32,47% contra 22,57%), e as mulheres orientaram 2,19 vezes mais mulheres que homens (30,87% contra 14,09%). Na Linguística, Letras e Artes, os homens orientaram 1,5 vez mais mulheres que homens (22,26% contra 14,85%), enquanto as mulheres orientaram 2,57 vezes mais mulheres do que homens (45,27% contra 17,62%). Nas Ciências da Saúde, os homens orientaram 1,29 vez mais mulheres que homens (28,68% de autoras contra 22,24%) e as mulheres orientaram 3,45 vezes mais mulheres que homens (38,8% contra 11,28%). Em todas essas áreas, o número de concluintes mulheres é superior ao de homens.

Constata-se, portanto, o padrão MQOM em todas as seis Grandes Áreas de maioria feminina entre os concluintes, que juntas somam quase 80% dos trabalhos defendidos no período. Dado esse cenário geral, é importante descrever um pouco do que acontece nas duas áreas em que ela não é o caso. Nas Engenharias, os trabalhos redigidos por homens são quase o dobro do de mulheres e ali os homens orientaram 2,33 vezes mais homens que mulheres (56,51% contra 24,26%), ao passo que as mulheres orientam equitativamente (9,69% de homens e 9,54% de mulheres). Nas Ciências Exatas e da Terra, os homens orientaram 2,23 vezes mais homens do que mulheres (52,31% contra 23,47%), enquanto as mulheres orientaram 1,25 vez mais homens que mulheres (13,44% de homens contra 10,78% de mulheres), fazendo a relação orientadoras/alunas nas Ciências Exatas e da Terra uma exceção na pós-graduação brasileira. O que é comum a essas duas Grandes Áreas é o padrão antípoda a MQOM: homens orientando mais de 50% a mais de trabalhos de homens que de mulheres, a partir daqui chamado de HQOH. HQOH só ocorre

concomitantemente à maioria de concluintes homens, embora possa haver maioria de concluintes do gênero masculino sem que HQOH seja o caso, como veremos adiante.

Uma vez que nosso propósito é abordar a desigualdade de gênero na Filosofia por meio de uma perspectiva comparada, passamos agora a uma especificação da Grande Área de Ciências Humanas. A informação mais saliente da Tabela 1 é o impacto da área da Educação, a mais antiga área de pós-graduação no país e responsável por 38,51% dos trabalhos defendidos no período em Ciências Humanas, que, como vimos, é a Grande Área de maior produção nacional. Não é apenas pelo nível de produção que a Educação se destaca: a predominância feminina é marcante, com 65,69% das orientações de trabalho e 72,87% da autoria de trabalhos defendidos. A segunda área de maior produção, que não chega à metade da Educação, é a Psicologia, com 15,65% dos trabalhos defendidos no período. Ali também a predominância de mulheres é forte: 63,45% das orientações e 75,17% dos trabalhos, esse último o índice mais elevado das Ciências Humanas. A Educação e a Psicologia têm índice MQOM superior a 3. O índice na Psicologia é o mais alto (3,87) e concomitante a homens orientando 2,09 vezes mais mulheres. Na Educação ele é de 3,27 e concomitante a homens orientando quase que o dobro de mulheres que homens (1,92).

A Antropologia também tem predominância feminina na autoria (58,66%), mas há equidade de gênero entre os orientadores (50%). São casos como a Antropologia (índice MQOM 1,74) que nos fazem definir o padrão MQOM associado à maioria feminina entre os concluintes como índice mínimo de 1,5, ou seja, mulheres orientando pelo menos 50% a mais de trabalhos de mulheres que de homens. Essa definição deve levar em conta outros dois casos: o da História e o da Sociologia. Ambas têm perfil equitativo tanto entre orientadores quanto entre autores, porém a História não tem maioria de mulheres concluintes (49,4% de autoras), já a Sociologia, sim (53,66%

de autoras). Por outro lado, verificamos que na História as mulheres orientam 1,16 vez mais mulheres que homens, ao passo que na Sociologia esse índice é de 1,49, que arredondamos para 1,5. Assim, embora no quadro geral da pós-graduação brasileira a predominância de mulheres concluintes é concomitante a um índice MQOM de 2,05, o que se observa nas áreas é a concomitância entre maioria de mulheres concluintes e mulheres orientando pelo menos 50% a mais de mulheres que de homens.

As demais áreas têm maioria de orientadores e autores homens e ausência de MQOM, mas elas se diferenciam entre aquelas em que há equidade entre os autores e aquelas em que não há. As primeiras são a Geografia, que tem 59,67% de orientadores homens e 48,56% de mulheres concluintes, e a Ciência Política/RI, que consegue atingir patamares equitativos em autoria (45,41% de mulheres), mas tem 69,33% de orientadores do gênero masculino.¹² Na Geografia, as mulheres orientam 1,13 vez mais mulheres que homens e os homens orientam 1,19 vez mais homens que mulheres. Já na Ciência Política/RI, as mulheres orientam 1,1 vez mais mulheres que homens, e os homens 1,36 vez mais homens que mulheres.

Finalmente temos as duas áreas sem maioria feminina entre orientadores e autores e sem equidade: a Filosofia e a Teologia. Elas guardam semelhanças históricas e constituíram até 2016 uma área única da Capes. Na Teologia, 18,94% dos trabalhos do período foram orientados por mulheres, mas 37% são de autoria feminina. Ali as mulheres orientam mais trabalhos de mulheres que de homens (10,02% contra 8,92%, índice 1,12, maior do que o da Ciência Política/RI) e isso é

¹² Na Ciência Política/RI, Cândido et al. (2019) usou dados da Plataforma Sucupira de 2017 indicando que apenas 33% dos docentes de Pós-Graduação eram mulheres, em comparação com 47% na Sociologia e 52% na Antropologia. Cândido et al. (2021) mostra que os homens são 70% dos autores nas publicações da área, inclusive sobre temas feministas (59%). Especificamente na área de Relações Internacionais, Coelho et al. (2019) mostra que a desigualdade de gênero permanece nas publicações e, em um modelo survey, Baccarini et al. (2019) indica que 60% das mulheres respondentes experimentaram discriminação de gênero.

concomitante a homens orientando o dobro de trabalhos de homens que de mulheres (54% contra 27,06%), ou seja HQOH.¹³

Em contraste, a Filosofia tem, proporcionalmente, um pouco mais de trabalhos orientados por mulheres do que a Teologia (19,77%), mas menos trabalhos concluídos por mulheres: 29,26%, o pior índice das Ciências Humanas. Na Filosofia, os homens orientaram 2,56 vezes mais trabalhos de homens que de mulheres, ou seja, verifica-se HQOH em níveis semelhantes ao da Teologia (2,00) e das Grandes Áreas das Engenharias (2,33) e das Ciências Exatas e da Terra (2,23). Mas a Filosofia introduz um outro fator, que podemos chamar de MQOH: ela é a única entre as Ciências Humanas em que mulheres orientaram mais de 50% a mais de homens que mulheres, para sermos específicos, 1,95 vez mais trabalhos de homens que de mulheres. A Filosofia é um caso de exceção no cenário de maioria feminina da pós-graduação brasileira. Mas ela não está sozinha, por isso, na próxima seção analisaremos outros casos semelhantes.

Resultados e discussão: Teses e Dissertações nas Áreas com Maior Índice de Desigualdade de Gênero e o caso da Filosofia

Até aqui, vimos a distribuição de gênero de orientadores e autores de teses e dissertações nas Grandes Áreas e na Área das Ciências Humanas. Como nosso objeto de estudo é a área da Filosofia, não pretendemos detalhar todas as demais áreas, mas encontrar aquelas que possuem um comportamento semelhante a ela no que diz respeito à desigualdade de gênero. O Gráfico 1 mostra

¹³ Furlin (2016) indicou, com base em dados de 2008, que as mulheres eram 26,3% dos docentes de Teologia em instituições confessionais e 15,3% em instituições católicas do país. Furlin (2021) indicou que as mulheres orientaram 30,2% das Teses e Dissertações em Teologia na PUC-Rio até 2013.

de encontro dos quatro quadrantes, portanto mais equitativas em todos os sentidos, são a História e as Artes. A primeira informação relevante do Gráfico 3 é de que Q4 está vazio. Isso mostra que não há áreas de predominância de orientadoras em que não haja predominância de autoras (ou vice-versa). Notamos também a concentração de áreas na fronteira entre Q1 e Q2, o que indica uma maioria de casos em que há, simultaneamente, equidade entre o número de trabalhos orientados por homens e mulheres e predominância de mulheres na autoria dos trabalhos. Outro ponto importante é que áreas específicas independem da Grande Área no que diz respeito ao seu comportamento de equidade de gênero, como já foi notado sobre a Filosofia e a Teologia em relação à Grande Área das Ciências Humanas. Q2, por exemplo, mostra que o avanço notável das Ciências da Saúde está muito ligado às posições de destaque da Enfermagem e da Nutrição, por oposição, por exemplo, à Medicina III. Devido ao nosso propósito, vamos nos concentrar em Q3, mais precisamente nas 10 áreas com menor proporção de trabalhos concluídos de autoria de mulheres, que chamaremos de Grupo Desigual (descritas na Tabela 2 abaixo).¹⁴

Seis das dez áreas no Grupo Desigual pertencem ao que ficou conhecido como STEM (abreviatura inglesa para *Science, Technology, Engineering and Mathematics*), notória por sua desigualdade de gênero.¹⁵ Há duas Engenharias: a Engenharia IV¹⁶, que, englobando as subáreas de Engenharia Elétrica e Biomédica, ocupa a pior posição, e a Engenharia III, que inclui a Engenharia

¹⁴ Uma nota deve ser feita sobre a área de Materiais, da Grande Área Multidisciplinar. Embora, em termos numéricos, ela devesse integrar o Grupo Desigual, é uma área muito recente, criada em 2007, que não oferece parâmetros comparáveis às demais áreas ao longo do período. Por isso, decidimos não a incluir no grupo de análise.

¹⁵ Para uma revisão da literatura sobre gênero e STEM, cf. Oliveira et al. (2019).

¹⁶ Freitas (2013) analisou as Engenharias de produção, mecânica, elétrica, química e civil com base em dados de 2009 dos bolsistas de produtividade do CNPq e dos Docentes da Pós-Graduação da Capes, e concluiu que a Engenharia Elétrica tem maior desigualdade nos critérios de composição do corpo docente (10%) e distribuição de bolsas de pesquisa do CNPq (3%) entre as demais Engenharias. Em um estudo de tipo survey Saboya (2009) descreveu estratégias de alunas da Engenharia Elétrica e das Ciências da Computação para permanecer na carreira.

Mecânica, de Produção, Naval e Oceânica e Aeroespacial.¹⁷ É notável que as Engenharias I (que reúne Engenharia Civil, Sanitária e de Transportes) e II (que combina a Engenharia de Minas, de Materiais e Metalúrgica e Química) não estejam incluídas no grupo. A Grande Área mais representada no Grupo Desigual é a das Ciências Exatas e da Terra, com quatro áreas: Ciências da Computação¹⁸, Astronomia/Física¹⁹, Matemática/Estatística²⁰ e Geociências²¹.

Diferenças em termos de perfil de desigualdade de gênero são também encontradas, com ainda mais amplitude, nas Ciências Sociais Aplicadas. Enquanto o Serviço Social se destaca em Q2, há duas de suas áreas no Grupo Desigual: a Economia²² e o Direito.²³ O mesmo pode ser dito das Ciências Humanas, com a Educação e a Psicologia em Q2 e, no Grupo Desigual, a Teologia e a Filosofia. O fato das dez áreas do Grupo Desigual se classificarem em quatro Grandes Áreas

¹⁷ Sobre a pesquisa Aeroespacial, Moreira & Velho (2010) indicam que as mulheres eram 19% dos pesquisadores e tecnologistas trabalhando nas onze unidades do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, que até 2008, 27% dos concluintes da pós-graduação eram mulheres e que nos cursos houve um aumento de quase 28 vezes no número de estudantes mulheres entre 1970 e 2007.

¹⁸ Monard & Fortes (2013:10) mostra o decréscimo acentuado de concluintes mulheres nos cursos de graduação de Ciência da Computação (de 47% em 2001 para 21% em 2011). Em um estudo de tipo survey com profissionais da Ciência da Educação, Santos et al. (2019: 164) reporta que a maioria deles entende que mulheres têm habilidades diferentes das dos homens.

¹⁹ Agrello & Garg (2009: 1305-3) descreve que as mulheres eram entre 5% e 25% do número de matrículas em diferentes cursos de pós-graduação em Física em 2005.

²⁰ Brech (2017: 2-3) aponta que, em 2014, o percentual de concluintes mulheres da graduação em matemática (48%) era superior ao percentual de ingressantes (42%), que o corpo docente da graduação em matemática no Brasil mantinha-se estável em torno de 40% entre 2009 e 2014, e, sobre a pós-graduação, que a série histórica de 1998 a 2014 indicava estagnação nos números de mulheres na pós-graduação em matemática: 27% dos egressos no mestrado, 24% no doutorado e 22% de professores da pós-graduação. Araújo (2018: 32) aponta que dos 50 membros do mais importante centro de pesquisas matemáticas brasileiros, apenas 1 é mulher.

²¹ Marques (2019: 57-58) indica que, de 2009 a 2018 as mulheres eram 18,1% dos bolsistas de produtividade do CNPq na área de Geociências.

²² Bernd et al. (2017: 424) indicam números de 2016 sobre as Ciências Contábeis: 44% de ingressantes do sexo feminino no mestrado, 42% no doutorado. Rocha et al. (2021: 824, 832) oferece um panorama sobre o efeito tesoura na carreira acadêmica em Economia no Brasil: indica que mulheres são admitidas em taxas diferentes de acordo com a avaliação oficial dos cursos: para os piores qualificados as taxas de 2018 são de 43,2% de mulheres para graduação, 42,2% para mestrado, 40% para doutorado e 37,9% para professores titulares. Para os de melhor qualificação, são 33% para graduação, 23,3% para mestrado, 36,5% para doutorado e 16,3% para professores titulares.

²³ Bonelli et al. (2019: 664,) indica, com dados de 2015, que 60% dos docentes de graduação em direito são homens e 54% dos discentes são mulheres.

distintas demonstra que a análise da desigualdade de gênero na pós-graduação brasileira deve ser feita por áreas, e não isoladamente por Grandes Áreas.

Vejamos então o comportamento dessas áreas do Grupo Desigual na Tabela 2.

Tabela 2 – Descrição do gênero de orientadores e estudantes de teses e dissertações defendidas no Brasil nas dez áreas com menor proporção de estudantes mulheres (1991-2021)

Áreas	Trabalhos	Estudante n(%)				Orientador(a)/Estudante n(%)			
		H	M	H	M	M/M	M/H	H/M	H/H
Engenharias IV	30.313	26.958 (88,93)	3.355 (11,07)	24.193 (79,81)	6.120 (20,19)	1.163 (3,84)	2.192 (7,23)	4.957 (16,35)	22.001 (72,58)
Ciência Da Computação	25.280	19.274 (76,24)	6.006 (23,76)	20.004 (79,13)	5.276 (20,87)	1.725 (6,82)	4.281 (16,93)	3.551 (14,05)	15.723 (62,2)
Astronomia / Física	16.853	14.563 (86,41)	2.290 (13,59)	13.019 (77,25)	3.834 (22,75)	687 (4,08)	1.603 (9,51)	3.147 (18,67)	11.416 (67,74)
Engenharias III	40.324	34.747 (86,17)	5.577 (13,83)	29.112 (72,2)	11.212 (27,8)	2.266 (5,62)	3.311 (8,21)	8.946 (22,19)	25.801 (63,98)
Matemática e Estatística	16.463	12.926 (78,52)	3.537 (21,48)	11.767 (71,48)	4.696 (28,52)	1.320 (8,02)	2.217 (13,47)	3.376 (20,51)	9.550 (58,01)
Filosofia	10.145	8.139 (80,23)	2.006 (19,77)	7.177 (70,74)	2.968 (29,26)	681 (6,71)	1.325 (13,06)	2.287 (22,54)	5.852 (57,68)
Economia	17.225	14.429 (83,77)	2.796 (16,23)	11.746 (68,19)	5.479 (31,81)	1.157 (6,72)	1.639 (9,52)	4.322 (25,09)	10.107 (58,68)
Teologia	5.570	4.515 (81,06)	1.055 (18,94)	3.505 (62,93)	2.065 (37,07)	558 (10,02)	497 (8,92)	1.507 (27,06)	3.008 (54)
Geociências	13.835	10.742 (77,64)	3.093 (22,36)	7.977 (57,66)	5.858 (42,34)	1.564 (11,3)	1.529 (11,05)	4.294 (31,04)	6.448 (46,61)
Direito	42.682	31.722 (74,32)	10.960 (25,68)	24.320 (56,98)	18.3625 (43,02)	5.409 (12,67)	5.551 (13,01)	12.953 (30,35)	18.760 (43,97)

Fonte: Elaboração própria a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Um primeiro dado notável na Tabela 2 é o volume de produção do Direito e das Engenharias III e IV, que torna o Grupo Desigual diverso quanto ao seu impacto na Grande Área

de cada componente. Ele é diverso também quanto ao nível de desigualdade: enquanto a Engenharia IV teve 20% de autoria de trabalhos do gênero feminino, a Geociências e o Direito estão se aproximando de uma relação de equidade, com respectivamente 42,34% e 43,02% de mulheres diplomadas na pós-graduação. Outra diferença muito significativa entre essas áreas é o número de orientadoras, que varia de 11% nas Engenharias IV até mais do que o dobro disso no Direito. Como indicado, MQOM está ausente da Tabela 2, mas há outros índices apontando diferenças no interior do grupo.

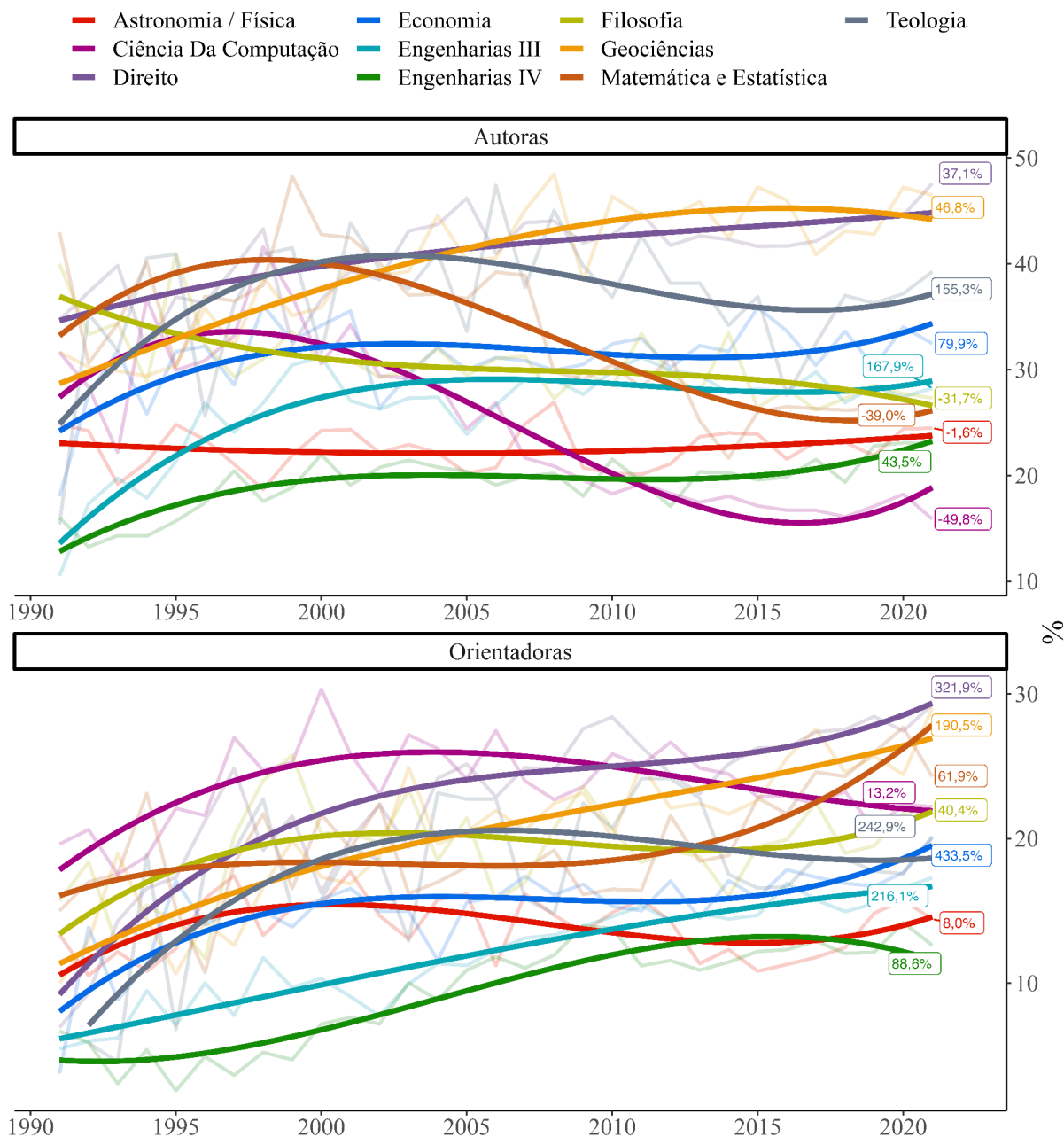
O primeiro grupo a ser identificado é aquele em que as mulheres orientam mais mulheres do que homens: o Direito, em que o índice é 1,02, e a Teologia, com índice 1,12. Esses dois se diferenciam porque, como vimos, HQOH é o caso para a Teologia, mas não para o Direito, em que os homens orientam 1,45 vez mais homens que mulheres. As Geociências formam um caso distinto desses dois porque as mulheres orientam equitativamente e verifica-se HQOH, com homens orientando 50% a mais de homens do que mulheres. Um terceiro grupo é representado por duas áreas em que HQOH é o caso, mas que MQOH não é o caso. Uma delas é a Economia, com homens que orientaram 2,34 vezes mais homens que mulheres, e as mulheres que orientaram 1,42 vez mais homens que mulheres. A outra são as Engenharias III, em que eles orientaram 2,88 vezes mais homens que mulheres, e elas, 1,46 vez mais homens que mulheres.

O último e maior grupo é caracterizado por HQOH e MQOH. Nas Engenharias IV, os homens orientam 4,44 vezes mais homens do que mulheres e as mulheres, 1,88 vez mais homens que mulheres. Na Ciência da Computação, eles chegam a orientar 4,43 vezes mais homens que mulheres e as mulheres orientam 2,48 vezes mais homens que mulheres. Na Astronomia/Física, eles orientam 3,63 vezes mais homens que mulheres e elas 2,33 vezes mais homens que mulheres. Na

Matemática/Estatística, os homens orientaram 2,83 vezes mais homens que mulheres e as orientadoras 1,68 vez mais homens que mulheres. Como vimos, aqui se encontra também a Filosofia, que tem índice HQOH de 2,56 e MQOH de 1,95.

Vejamos agora o comportamento do Grupo Desigual ao longo do tempo.

Gráfico 2 – Descrição da tendência do aumento/diminuição de pontos percentuais da defesa de teses e dissertações orientadas e defendidas por mulheres no Brasil nas dez áreas de avaliação com menor proporção de estudantes mulheres (1991-2021)



Fonte: Elaboração própria a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Começamos a análise do Gráfico 2 com as Orientadoras do Grupo Desigual. Nesse quesito verifica-se que todas as áreas tiveram aumento no período, mas com tendências distintas. A forma mais evidente de comparação é pelo índice de aumento percentual de mulheres, em que se destacam

a Economia (com aumento de 433,51%) e o Direito (com 321,9%). Porém, outro fator importante para a diminuição da desigualdade é a presença de uma tendência constante de mudança, o que se detecta claramente, não apenas na Economia e no Direito, mas também nas Engenharias III e nas Geociências. Entre essas quatro, a Economia mostra avanços na primeira e na terceira décadas, mas estagnação na segunda. O mesmo perfil é encontrado na Matemática e Estatística e, com índices mais tímidos, na Filosofia. A Ciência da Computação e a Teologia têm a sua tendência de crescimento do número de mulheres revertida a partir de 2005. Isso ocorre também na Ciência da Computação, mas de modo tão acentuado que, ao final do período, os ganhos foram muito poucos. Cenário parecido se encontra na Astronomia e na Física: alta na primeira década e baixa significativa com uma leve reversão nos últimos cinco anos. Nas Engenharias IV, os últimos cinco anos foram de reversão de uma tendência constante de aumento no número de mulheres.

Vejamos agora, no Gráfico 2, o desenvolvimento dos números de concluintes mulheres no mesmo período. Nesse quesito vemos que nem todas as áreas tiveram aumento do número de trabalhos defendidos por mulheres no período. Desempenhos sólidos de diminuição de desigualdade são encontrados no Direito, nas Geociências e na Economia, áreas também destacadas na evolução das orientadoras. As Engenharias III, que têm o maior coeficiente de diminuição de desigualdade, mostram esse avanço expressivo na primeira década, mas isso se estabiliza na sequência. Esse avanço na primeira década também é visto nas Engenharias IV, mas ali da estabilidade da segunda década segue uma tendência de redução de desigualdade nos últimos cinco anos. A Teologia também atinge um avanço considerável – o segundo maior do Grupo Desigual em termos proporcionais – na primeira década, e depois apresenta uma tendência de queda, que só se recupera no fim do período. A Astronomia e a Física mostram estabilidade em todo o período. Os

quadros de perda acentuada são o da Matemática/Estatística e o da Ciência da Computação: essas áreas apresentam um aumento no número de mulheres na primeira década seguido de uma queda muito forte na segunda e uma recuperação apenas nos últimos 5 anos, que não foi suficiente para tirar essas áreas dos piores índices de aumento de desigualdade. A Filosofia, por sua vez, apresenta tendência de queda na primeira década, de estabilidade na segunda e, ao contrário da Matemática/Estatística e da Ciência da Computação, não apresenta tendência de recuperação nos últimos cinco anos. Assim, mesmo que essas duas últimas áreas tenham coeficiente maior de aumento de desigualdade, a Filosofia apresenta em todo o cenário a tendência mais constante e evidente de aumento de desigualdade de gênero entre os concluintes da pós-graduação dentro do Grupo Desigual.

A desigualdade de gênero na Filosofia não é um caso singular do Brasil. Nos Estados Unidos, os dados indicam que as mulheres têm 21% de presença na área e há evidências de que, desde a década de 1990, não há redução nesse índice de desigualdade entre os docentes (cf. Alcott, 2011: 8 e Schwitzgebel & Jennings, 2017: 13), embora mudanças tenham sido identificadas entre estudantes de graduação a partir de 2017 (Schwitzgebel, 2023). Além disso, homens estão mais bem representados que as mulheres nas posições mais elevadas da hierarquia acadêmica (cf. Conklin et al., 2020). No Reino Unido, Beebe & Saul (2021) mostra que mulheres são 48% dos discentes de graduação, 37% dos mestrandos, 33% dos doutorandos, 32% dos lectures permanentes, e 25% dos professores dos departamentos de Filosofia são mulheres e que, além disso, houve uma variação muito pequena no índice dessas desigualdades entre a década de 2011-2021. Atualmente, na Austrália as mulheres são 27% das posições permanentes em filosofia (Goddard, 2008: 4). Segundo a Canadian Philosophical Association (2018:2), no Canadá, elas são 30% dos professores e não há

mudança nos últimos 15 anos. No Brasil, as mulheres são, em média, 36,44% dos graduandos, 30,6% dos mestrandos, 26,98% dos doutorandos e apenas 20,14% dos docentes de pós-graduação (Araújo, 2019) e a graduação é buscada majoritariamente por homens e as mulheres são maioria dos que abandonam o curso antes de sua conclusão (Wilke, 2020: 246-247). Gostaríamos de agora apresentar mais informações sobre esse quadro de desigualdade que podem ser extraídas da base de dados de Teses e Dissertações.

Como mostra o Anexo B do Material Suplementar, há, na Filosofia, uma tendência muito fortemente estável ao longo do período de homens orientando homens em um padrão em torno dos 57,68% dos trabalhos concluídos. Há também estabilidade ao longo do tempo do pequeno número de mulheres orientadas por mulheres, quase um décimo do número anterior (6,71% em média, inferior, por exemplo, ao de áreas como a Ciência da Computação e a Matemática/Estatística). Homens orientaram mulheres em 22,54% dos trabalhos concluídos, mas há uma trajetória de declínio neste grupo: de 29,41% dos trabalhos em 1991 para 20% em 2021. Por outro lado, há uma tendência significativa de alta no número de trabalhos de homens orientados por mulheres, que passa de 4,41% em 1991 para 14,6% em 2021. A tendência de queda no número de trabalhos escritos por mulheres na área da Filosofia, indicada no Gráfico 2, é concomitante a uma diminuição da orientação de mulheres por homens e ao aumento da orientação de homens por mulheres.

Vejamos agora como essa tendência ocorre nos 15 programas mais produtivos na área da Filosofia, conforme dados do Anexo C do Material Suplementar. Constata-se, primeiramente, o quanto esses programas são desigualmente distribuídos pelo país, com forte concentração nas regiões Sudeste e Sul. Nota-se também o impacto do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da

USP (Universidade de São Paulo) na área, responsável por quase 10% dos trabalhos produzidos no período. Com esse destaque, não é de se estranhar que o cenário de desigualdade de gênero da USP corresponda ao perfil geral da área. Também semelhante ao perfil geral é a situação da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), a segunda mais produtiva na área: quase 80% das orientações são feitas por homens, 55% dos trabalhos são de homens orientados por homens e as mulheres orientam o dobro de homens do que de mulheres, resultando em uma média de 30% de concluintes do gênero feminino. Com números um pouco melhores, estão a UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e a PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro), que têm cerca de 72% de trabalhos orientados por homens e cerca de 24% de trabalhos em que homens orientaram. A primeira tem proporção maior de orientadoras (28,36%), a segunda com a maior proporção de alunas pós-graduadas de todo esse grupo (38,83%).

Se, por um lado, o perfil médio geral da área é identificado na USP e na UFRJ, por outro, constata-se um outro grupo com perfil de desigualdade ainda mais forte: A UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), a UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), a UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), a UFPR (Universidade Federal do Paraná) e a UFSM (Universidade Federal de Santa Maria) apresentam de 85% a 86% das orientações feitas por homens, com 60% a 65% de trabalhos de autoria masculina com orientação masculina. Nesse grupo, as mulheres sempre orientam mais homens do que mulheres, mas, enquanto essa diferença é de cerca de 50% na UFSC, UFRGS e UFSM, ela é de mais que o triplo na UNICAMP e na UFPR. Esse perfil de desigualdade mais forte distingue-se, ademais, de um terceiro grupo, caracterizado pela desigualdade extrema encontrada na PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), que não teve nenhum trabalho orientado por mulheres em todo o período e em

que apenas 20% dos trabalhos foram concluídos por mulheres. Incluem-se aí também a UFC (Universidade Federal do Ceará) e a UFPB (Universidade Federal da Paraíba), que apresentam versões ligeiramente mais leves desse caso extremo: a primeira com 91,3% de orientações feitas por homens, 20,29% dos trabalhos sendo de mulheres orientadas por homens e 22% de concluintes mulheres; a segunda com 5,57% dos trabalhos com orientação feminina e 26,5% de mulheres pós-graduadas, sendo as orientações de mulheres por homens 25,39% dos total.

O perfil menos desigual, no qual a orientação por mulheres passa de 30%, é detectado na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), com 62,37%. Ali, porém, homens orientaram apenas 13,75% de mulheres. Já a UFSCAR (Universidade Federal de São Carlos) possui 68,77% de orientadores homens, com quase 23% de orientandas mulheres. Entre os mais produtivos, o Programa menos desigual quanto ao gênero de orientadores no período é o da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), com 44,3% dos trabalhos com orientadoras e 39,12% dos trabalhos sendo de homens orientados por homens. Ainda assim, a UERJ fica aquém da PUC-RJ em números de mulheres concluintes.

Conclusão

A análise do banco de dados de Teses e Dissertações da Capes entre 1991 e 2021 mostrou que no período as mulheres passaram a ser maioria entre os concluintes na pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, embora mantenham-se como minoria entre os orientadores desses trabalhos. Verificou-se, também, que, nesse período, há uma tendência muito marcada de mulheres orientarem mais mulheres do que homens. Chamamos o padrão em que mulheres orientam 50% a

mais de mulheres que de homens de padrão MQOM. Ele está presente em 7 das 9 Grandes Áreas, as mesmas em que há maioria de autoras mulheres, indicando concomitância entre os dois índices.

As Ciências Humanas são a Grande Área em que há maior número de teses e dissertações defendidas no período, com maioria de mulheres tanto entre orientadores, quanto entre autores. Suas áreas, porém, têm perfil muito distinto, com maior desigualdade de gênero nas áreas de Ciência Política/RI, Teologia e Filosofia. Em todas MQOM está ausente, mas a Teologia se difere da Ciência Política/RI por, além disso, apresentar um padrão HQOH, ou seja, homens que orientaram 50% a mais de homens que mulheres. A Filosofia se difere de ambas por apresentar ausência de MQOM e presença de HQOH e de MQOH, sendo este último um padrão em que mulheres orientam mais de 50% de homens do que de mulheres.

Analisamos também o grupo das 10 áreas mais desiguais, entre as quais há 5 áreas STEM (Engenharias IV, Engenharia III, Ciências da Computação, Astronomia/Física, Matemática/Estatística), às quais se adiciona a Geociências, que pertence à Grande Área de Ciências Exatas e da Terra. Há duas Ciências Sociais Aplicadas, a Economia e o Direito, e duas Ciências Humanas, a Filosofia e a Teologia. Em todas elas está ausente o padrão MQOM. Dentre essas, há um grupo em que ainda assim mulheres orientam mais mulheres que homens, constituído pelo Direito e pela Teologia. Esta última difere do Direito porque nela se verifica HQOH. A Geociências forma um grupo por si só em que mulheres orientam equitativamente mulheres e homens, mas verifica-se HQOH. O terceiro grupo, formado pela Economia e pelas Engenharias III, apresenta HQOH concomitante a uma situação em que mulheres que orientam mais homens que mulheres. Finalmente o maior grupo é o que associa HQOH com MQOH, no qual se encontram as Engenharias IV, a Ciência da Computação, a Astronomia/Física, a Matemática/Estatística e a

Filosofia. É relevante o fato de que em todos os casos analisados não ocorre maioria feminina entre os concluintes de curso sem que ocorra MQOM, associado ao fato de que ocorre maioria masculina de concluintes sem que HQOH seja o caso.

Na Filosofia, as mulheres são 29,24% dos autores de Teses e Dissertações em Filosofia no Brasil entre 1991 e 2021, e 19,77% dos orientadores desses trabalhos. Os homens orientaram 2,56 vezes mais homens que mulheres, e as mulheres têm perfil semelhante, orientando 1,95 vez mais homens que mulheres. Verifica-se na área um aumento de 40,36% no número de trabalhos orientados por mulheres, tendência ocorrida entre 1991 e 1995 e após 2015, com um período intermediário de leve baixa. Por outro lado, houve tendência de queda no número de mulheres concluintes da pós-graduação, com índice de menos 31,7% e sem evidências de recuperação nos últimos cinco anos, como ocorre com as áreas da Ciência da Computação e da Matemática/Estatística. A análise das 15 Instituições de Ensino Superior de maior produtividade em Filosofia mostra que em um terço delas os homens chegam a orientar o triplo de homens que mulheres. Dessas, apenas três instituições têm mulheres com orientações mais paritárias entre homens e mulheres, ainda assim com predominância dos primeiros.

Este estudo apresenta algumas limitações dignas de consideração. Embora a utilização do Catálogo de Teses e Dissertações possa ser equiparado a um “censo” da pós-graduação brasileira, a unidade de análise restringe-se a trabalhos de tese e dissertação concluídos. Como resultado, a produtividade individual de cada orientador pode exercer influência sobre o número final descrito, ou seja, a proporção de trabalhos orientados ou autorados por homens e mulheres não reflete na proporção de homens e mulheres no corpo docente ou discente dos programas de pós-graduação. Adicionalmente, é válido ressaltar que o Catálogo não oferece dados relativos a abandonos na

pós-graduação. Essas duas limitações podem ser analisadas a partir de outros bancos de dados do Portal da CAPES. Por fim, é importante ter em mente que este estudo é de natureza transversal, o que impede a identificação de mecanismos causais subjacentes à desigualdade de gênero em determinadas áreas da pós-graduação, bem como a compreensão das dinâmicas da relação de orientação entre professor-estudante ao longo do tempo. Tais questões requerem outros tipos de estudos para serem abordadas.

Referências

Agrello, D. A., & Garg, R. (2009). Mulheres na física: poder e preconceito nos países em desenvolvimento. *Revista brasileira de ensino de física*, 31, 1305-1.

<https://doi.org/10.1590/S1806-11172009000100005>

Alcoff, L. (2011). A call for climate change. *APA Newsletter on Feminism and Philosophy*, 11(1), 7-9.

https://cdn.ymaws.com/www.apaonline.org/resource/collection/D03EBDAB-82D7-4B28-B897-C050FDC1ACB4/v11n1_Feminism.pdf

Araujo, C. (2018). A matemática brasileira sob a perspectiva de gênero. *Ciência e Cultura*, 70(1), 32-33. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602018000100010>

Arêas, R., Abreu, A., Nobre, C., Barbosa, M. C., & Santana, A. E. (2023). Androcentrism in the scientific field: Brazilian systems of graduate studies, science and technology as a case study. *Anais*

da Academia Brasileira de Ciências, 95, e20211629.

<https://doi.org/10.1590/0001-3765202320211629>

Araújo, C. (2019) Quatorze anos de desigualdade: mulheres na carreira acadêmica de Filosofia no Brasil entre 2004 e 2017. *Cadernos de Filosofia Alemã*, 24(1), 13-33.

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-9800.v24i1p13-33>

Baccarini, M. P. O., Minillo, X. K., & Alves, E. E. C. (2019). Gender issues in the ivory tower of Brazilian IR. *Contexto Internacional*, 41, 365-396.

<https://doi.org/10.1590/S0102-8529.2019410200007>

Barros, S. C. D. V., & Silva, L. M. C. (2019). Desenvolvimento na carreira de bolsistas produtividade: Uma análise de gênero. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 71(2), 68-83. :

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200006

Beebe, H. (2021, May 29). Women in Philosophy: What's Changed? *The Philosopher's Magazine*.

<https://philosophersmag.com/essays/242-women-in-philosophy-what-s-changed>

Beltrão, K. I., & Alves, J. E. D. (2009) A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. *Cadernos de Pesquisa*, 39 (136), 125–156.

<https://doi.org/10.1590/S0100-15742009000100007>

Bernd, D. C., Anzilago, M., & Beuren, I. M. (2017). Presença do gênero feminino entre os discentes dos Programas de Pós-Graduação de Ciências Contábeis no Brasil. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 11(4), 408-429. <https://doi.org/10.17524/repec.v11i4.1487>

Bonelli, M. D. G., Bertolin, P. T. M., Albuquerque, R. M. M., Campos, V. P. P., & Barbalho, R. M. (2019). Intersecções e identidades na docência do direito no Brasil. *Sociedade e Estado*, *34*, 661-688.
<https://doi.org/10.1590/s0102-6992-201934030002>

Brech, C. (2018). O 'dilema Tostines' das mulheres na matemática. *Revista Matemática Universitária*, *54*, 1-5.

https://rmu.sbm.org.br/wp-content/uploads/sites/27/2018/08/kika_final.pdf

Canadian Philosophical Association. (2018). *Report on the Canadian Philosophical Association Equity Survey*. <https://www.acpcpa.ca/cpages/reports>

Cândido, M. R., Feres, J., & Campos, L. A. (2020). Desigualdades na elite da ciência política brasileira. *Civitas-Revista de Ciências Sociais*, *19*, 564-582.
<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.3.33488>

Cândido, M. R., Campos, L. A., & Feres, J. (2021). The gendered division of labor in Brazilian political science journals. *Brazilian Political Science Review*, *15*, e0002.
<https://doi.org/10.1590/1981-3821202100030002>

Cândido, M. (2023a, Março 23) Como anda a inclusão de mulheres na ciência brasileira? Três modos de observar os dados. *Nexo Políticas Públicas*.
<https://pp.nexojournal.com.br/opiniao/2023/Como-anda-a-inclus%C3%A3o-de-mulheres-na-ci%C3%A2ncia-brasileira-Tr%C3%AAs-modos-de-observar-os-dados1>.

Cândido, M. (2023b, Fevereiro 9). Dados de participação das mulheres na ciência. *Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa*

<https://gema.iesp.uerj.br/infografico/participacao-de-mulheres-na-ciencia/>

Coelho, A. L., Elias, I. V., & Santos, V. S. (2019). A participação das mulheres na produção acadêmica da área de Relações Internacionais no Brasil. *Mural Internacional*, 10(1), e37384.

<https://doi.org/10.12957/rmi.2019.37384>

Conklin, S. L., Artamonova, I., & Hassoun, N. (2020). The State of the Discipline: New Data on Women Faculty in Philosophy. *Ergo, an Open Access Journal of Philosophy*, 6(30), 841-868.

<https://doi.org/10.3998/ergo.12405314.0006.030>

Cruz, G. A. A., Marques, T. C. S., & Segantini, G. T. (2022). Participação feminina nos programas de pós-graduação na área de Ciências Sociais Aplicadas no Brasil. *Revista De Educação E Pesquisa Em Contabilidade (REPeC)*, 16(4), 450-465. <https://doi.org/10.17524/repec.v16i4.3114>

Cunha, R., Dimenstein, M., & Dantas, C. (2021). Desigualdades de gênero por área de conhecimento na ciência brasileira: panorama das bolsistas PQ/CNPq. *Saúde em Debate*, 45, 83-97. <https://doi.org/10.1590/0103-11042021E107>

Estrela, H. (2020). Sexo e gênero na ciência: as desigualdades nas atividades acadêmicas científicas entre mulheres e homens docentes de programas de pós-graduação em Ciências Agrárias (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10546>

Freitas, B. B. (2013). Diferenças de Gênero na Pesquisa e Pós-Graduação em Engenharia no Brasil (Dissertação de mestrado). CEFET/RJ, Rio de Janeiro.

http://pppro.cefet-rj.br/T/348_B%C3%A1rbara%20Bezerra%20Freitas.pdf

Furlin, N. (2016). Cruzando fronteiras de gênero: a docência feminina em campos profissionais “masculinos”. *Cadernos Pagu*, 48, e164816. <https://doi.org/10.1590/18094449201600480016>

Furlin, N. (2021). A produção acadêmica de mulheres professoras no campo do saber teológico: sujeição ou subjetivação ética?. *Educação e Pesquisa*, 47, e223075.

<https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147223075>

Goddard, E. (2008). Improving the Participation of Women in the Philosophy Profession Report to the Australasian Association of Philosophy. <https://aap.org.au/Womeninphilosophy>

Guedes, M. D. C., Azevedo, N., & Ferreira, L. O. (2015). A produtividade científica tem sexo? Um estudo sobre bolsistas de produtividade do CNPq. *Cadernos Pagu*, 45, 367-399.

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645232>

Iannone R., Cheng J., Schloerke B., Hughes E., Lauer A. & Seo J. (2023). *GT: Easily Create Presentation-Ready Display Tables*. R package version 0.10.0.9000, <https://github.com/rstudio/gt>, <https://gt.rstudio.com>.

Marques, C. V. (2019). *Análise da produção científica dos bolsistas de produtividade do CNPq no campo de geociências no Brasil: subsídios para a elaboração de uma política de gestão científica* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

<http://repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/13050/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20final%20Catia%20V%20Marques.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Meireles, F. (2021). *genderBR: Predict Gender from Brazilian First Names*. R package version

1.1.2. <https://CRAN.R-project.org/package=genderBR>

Mena-Chalco, J. P. & Rocha, V. E. (2014) Caracterização do banco de teses e dissertações da Capes.

Encontro Brasileiro de Bibliometria e Cientometria, 4, 1-9.

<https://doi.org/10.13140/RG.2.1.2062.7046>

Monard, M. C., & Fortes, R. P. D. M. (2013). Uma visão da participação feminina nos cursos de ciência da computação no Brasil. In *Memórias del V Congreso de la Mujer Latino americana en la Computacion, Caracas*.

<https://sites.labic.icmc.usp.br/pub/mcmonard/MonardLAWCC2013.pdf.pdf>

Moreira, M. L., & Velho, L. (2010). Pós-graduação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais numa perspectiva de gênero. *Cadernos Pagu*, 35, 279-308.

<https://doi.org/10.1590/S0104-83332010000200010>

Naidek, N. Santos, Y H., Soares, P. , Hellinger R., Hack T., & Orth, E. (2020). Mulheres Cientistas na Química Brasileira. *Química Nova*, 43, 823–836.

<https://doi.org/10.21577/0100-4042.20170556>

Oliveira, A., Melo, M. F. D., Rodrigues, Q. B. D., & Pequeno, M. (2021). Gênero e desigualdade na academia brasileira: uma análise a partir dos bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq.

Configurações. Revista Ciências Sociais, 27, 75-93. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.11979>

Oliveira, E. R. B. D., Unbehaum, S., & Gava, T. (2019). STEM education and gender: a contribution to discussions in Brazil. *Cadernos de pesquisa*, 49, 130-159.

<https://doi.org/10.1590/198053145644>

R Core Team. (2021). *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing. <https://www.R-project.org/>

Rocha, F. F., Pereda, P. C., Matsunaga, L., Montoya Diaz, M. D., Narita, R., & Borges, B. (2021). Gender differences in the academic career of economics in Brazil. *Cuadernos de Economía*, 40(84), 815-852. <https://doi.org/10.15446/cuad.econ.v40n84.86778>

Saboya, M. C. L. (2009). *Alunas de Engenharia Elétrica e Ciência da Computação: estudar, inventar, resistir* (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

<https://doi.org/10.11606/T.48.2009.tde-15092009-153720>

Santos, M. E. S., Rocha, T. S., Brasileiro, V. L. J., & Souza, C. C. (2019). What computing Brazilian community is saying about gender gap. *IEEE Revista Iberoamericana de Tecnologías del Aprendizaje*, 14(4), 162-167. <https://doi.org/10.1109/RITA.2019.2952274>

Schwitzgebel, E., & Jennings, C. D. (2017). Women in Philosophy: Quantitative Analyses of Specialization, Prevalence, Visibility, and Generational Change. *Public Affairs Quarterly*, 31(2), 83–105. <http://www.jstor.org/stable/44732784>

Schwitzgebel, E. (2023, Setembro 22). Percentage of Women Philosophy Majors Has Risen Sharply Since 2016 -- Why? Or: The 2017 Knuckle. *The Splintered Mind*.

<http://schwitzsplinters.blogspot.com/2023/09/percentage-of-women-philosophy-majors.html>

Silva, N. G. A., Moura, L. R. S, & Souza T. O. (2023) Desigualdade de gênero na ciência: uma realidade nas engenharias. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, 18, n. especial, 1–21.

<https://doi.org/10.21713/rbpg.v18iespecial.1917>.

Tavares, A. S., & Parente, T. G. (2015). Gênero e carreira científica: um estudo a partir dos dados das universidades federais da região norte do Brasil. *Revista Ártemis*, 20, 66-75.

<https://doi.org/10.15668/1807-8214/artemis.v20n2p66-75>

Tonini, A. M., & Araújo, M. T. D. (2019). A participação das mulheres nas áreas de STEM (Science, Technology, Engineering and Mathematics). *Revista de Ensino de Engenharia*, 38(3), 118-125. <http://revista.educacao.ws/revista/index.php/abenge/article/view/1693/905>

Tuesta, E. F., Digiampietri, L. A., Delgado, K. V., & Martins, N. F. A. (2019). Análise da participação das mulheres na ciência: um estudo de caso da área de Ciências Exatas e da Terra no Brasil. *Em Questão*, 25(1), 37-62. <https://doi.org/10.19132/1808-5245251.37-62>

Valentova, J. V., Otta, E., Silva, M. L., & McElligott, A. G. (2017). Underrepresentation of women in the senior levels of Brazilian science. *PeerJ*, 5, e4000. <https://doi.org/10.7717/peerj.4000>

Venturini, A. C. (2017). A presença das mulheres nas universidades brasileiras: um panorama de desigualdade. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 11, 1-15.

http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1500230828_ARQUIVO_AnnaCarolinaVenturini_Texto_completo_MM_FG.pdf

Wickham, H., Averick, M., Bryan, J. Chang, W., McGowan, L. D., François, R., Grolemond, G., Hayes, A., Henry, L., Hester, J., Kuhn, M., Pedersen, T. L., Miller, E., Bache, S. M., Müller, K.,

Ooms, J. Robinson, D., Seidel, D. P., Spinu, V. (2019). Welcome to the tidyverse. *Journal of Open Source Software*, 4(43), 1-6. <https://doi.org/10.21105/joss.01686>

Wilke, V. C. (2020). Quantas somos? Onde estamos? Um olhar lançado sobre a evolução da formação de filósofas graduadas entre 2000 e 2015 no Brasil. *Problemata*, 11(3), 233–257
<http://dx.doi.org/10.7443/problemata.v11i3.54199>

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES:

Carolina Araújo (autora principal): Conceitualização; Supervisão; Metodologia; Redação (manuscrito original, revisão de literatura e revisão).

Marcos Fanton: Levantamento dos dados; Análise formal; Metodologia; Visualização; Redação (revisão e edição).

Hugo Mota: Conceitualização; Redação (revisão de literatura; revisão e edição).

Mitieli Seixas da Silva: Conceitualização; Redação (revisão e edição).

Fernando de Sá Moreira: Conceitualização; Redação (revisão e edição).

Raquel Canuto: Metodologia; Validação.

DECLARAÇÕES:

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSES:

Os autores desse manuscrito declaram que não existem conflitos de interesses financeiros, pessoais, acadêmicos ou institucionais que poderiam ter influenciado de maneira inapropriada na realização ou na apresentação dos resultados.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS:

Os dados que embasam os resultados deste estudo estão disponíveis no seguinte repositório:

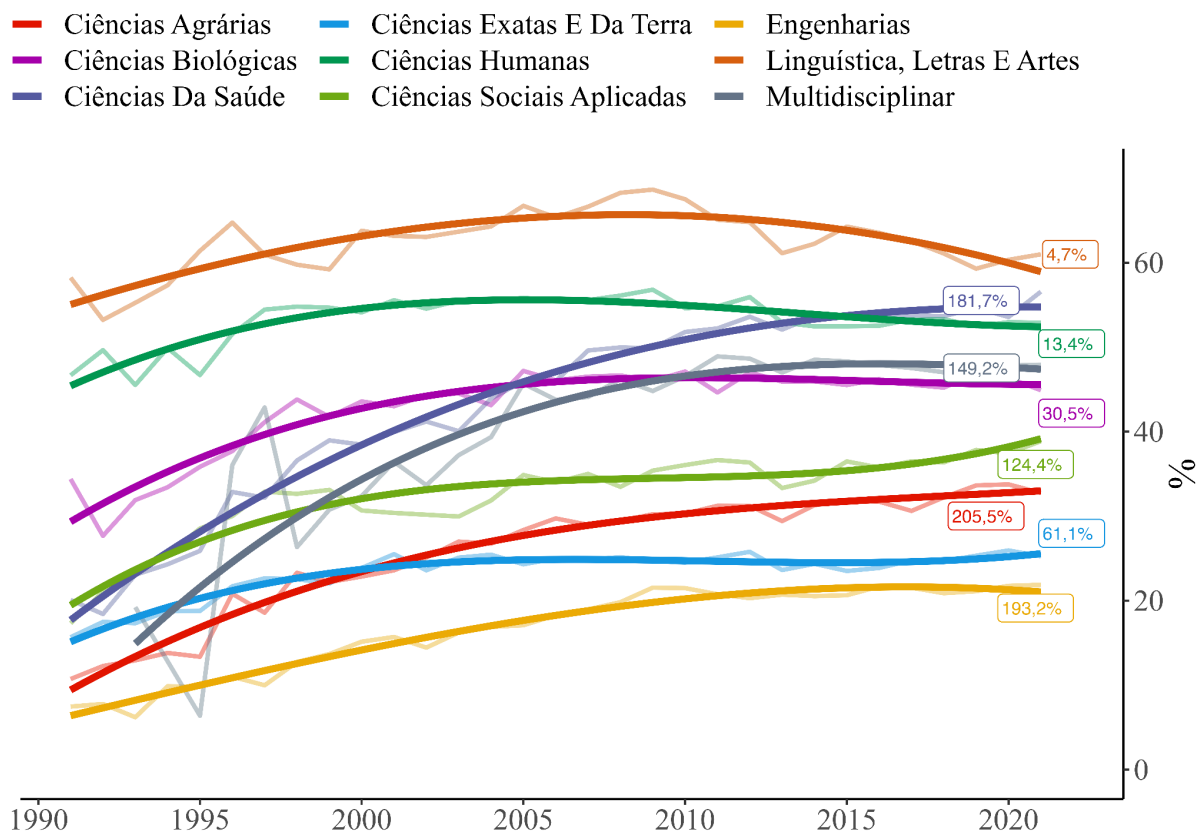
https://github.com/marcosfanton/genero_filosofia.

Esses dados foram derivados dos seguintes recursos, disponíveis em domínio público:

<https://dadosabertos.capes.gov.br/group/catalogo-de-teses-e-dissertacoes-brasil>.

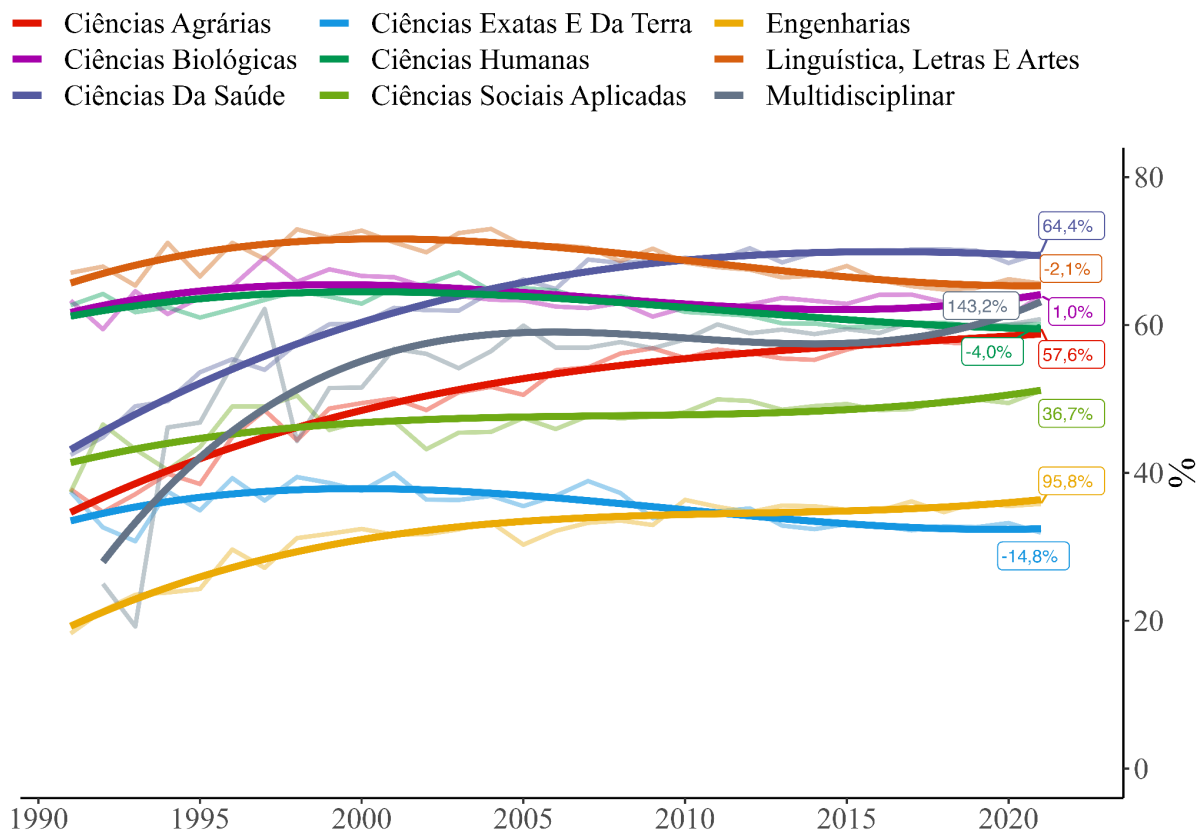
MATERIAL SUPLEMENTAR ANEXO A

Gráfico A.1 – Descrição da tendência do aumento/diminuição de pontos percentuais da defesa de teses e dissertações orientadas por mulheres no Brasil nas Grandes Áreas (1991-2021)



Fonte: Elaboração própria a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

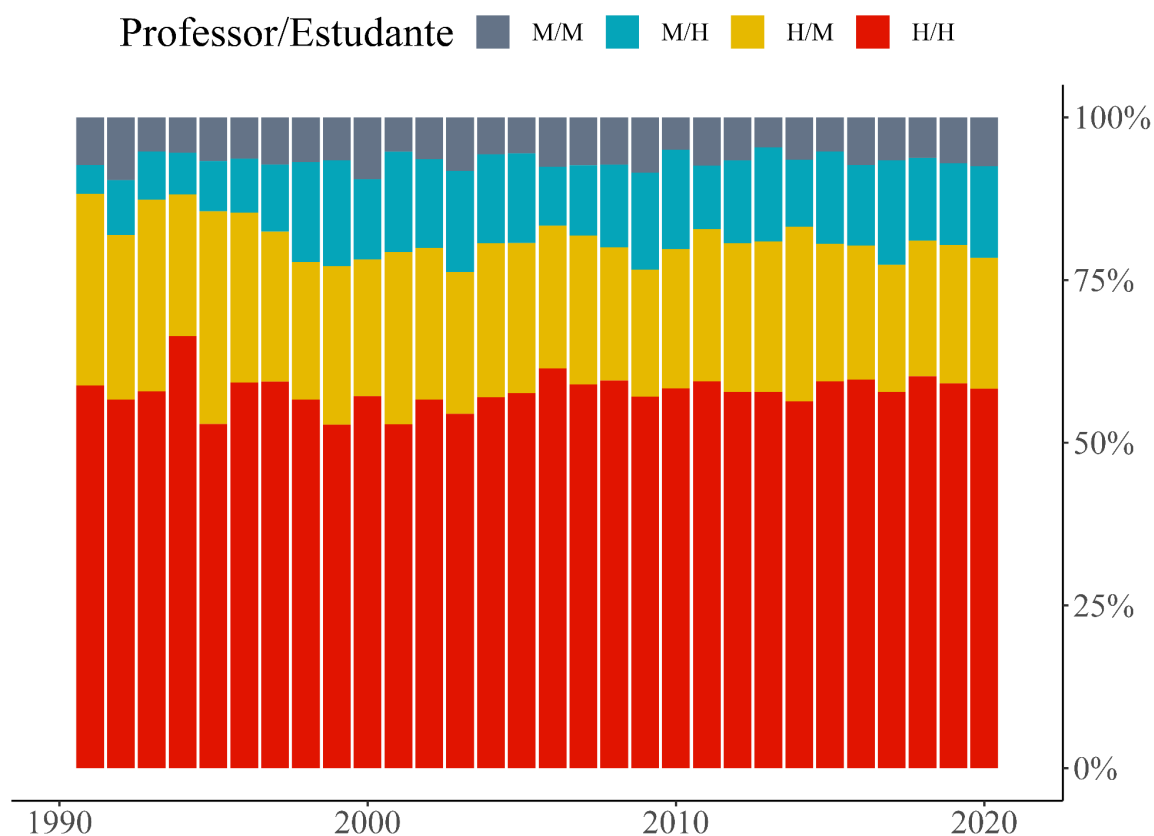
Gráfico A.2 – Descrição da tendência do aumento/diminuição de pontos percentuais da defesa de teses e dissertações defendidas por mulheres no Brasil nas Grandes Áreas (1991-2021)



Fonte: Elaboração própria a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

ANEXO B

Gráfico B – Descrição da evolução da defesa de teses e dissertações em Filosofia com base na relação de gênero entre Professor/Estudante. (1991-2021)



Legenda: M: Mulher; H: Homem.

Fonte: Elaboração própria a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

ANEXO C

Tabela C – Descrição do gênero de orientadores e estudantes de teses e dissertações defendidas em

Filosofia de acordo com as Instituições de Ensino Superior (IES) (1991-2021)

IES	Trabalhos n(%)	Orientador(a) n(%)		Discente n(%)		Orientador(a)/Discente n(%)			
		H	M	H	M	M/M	M/H	H/M	H/H
USP	1.169 (9,79)	907 (77,59)	262 (22,41)	817 (69,89)	352 (30,11)	83 (7,1)	179 (15,31)	269 (23,01)	638 (54,58)
UFRJ	839 (7,02)	657 (78,31)	182 (21,69)	599 (71,39)	240 (28,61)	55 (6,56)	127 (15,14)	185 (22,05)	472 (56,26)
UNICAMP	677 (5,67)	587 (86,71)	90 (13,29)	515 (76,07)	162 (23,93)	25 (3,69)	65 (9,6)	137 (20,24)	450 (66,47)
PUC-RS	623 (5,22)	623 (100)	0 (0)	494 (79,29)	129 (20,71)	0 (0)	0 (0)	129 (20,71)	494 (79,29)
UFMG	610 (5,11)	437 (71,64)	173 (28,36)	414 (67,87)	196 (32,13)	54 (8,85)	119 (19,51)	142 (23,28)	295 (48,36)
PUC-SP	582 (4,87)	363 (62,37)	219 (37,63)	417 (71,65)	165 (28,35)	85 (14,6)	134 (23,02)	80 (13,75)	283 (48,63)
UFPB	449 (3,76)	424 (94,43)	25 (5,57)	330 (73,5)	119 (26,5)	5 (1,11)	20 (4,45)	114 (25,39)	310 (69,04)
PUC-RJ	443 (3,71)	323 (72,91)	120 (27,09)	271 (61,17)	172 (38,83)	56 (12,64)	64 (14,45)	116 (26,19)	207 (46,73)
UFSC	399 (3,34)	346 (86,72)	53 (13,28)	275 (68,92)	124 (31,08)	20 (5,01)	33 (8,27)	104 (26,07)	242 (60,65)
UERJ	386 (3,23)	215 (55,7)	171 (44,3)	263 (68,13)	123 (31,87)	59 (15,28)	112 (29,02)	64 (16,58)	151 (39,12)
UFC	345 (2,89)	315 (91,3)	30 (8,7)	269 (77,97)	76 (22,03)	6 (1,74)	24 (6,96)	70 (20,29)	245 (71,01)
UFSCar	301 (2,52)	207 (68,77)	94 (31,23)	204 (67,77)	97 (32,23)	28 (9,3)	66 (21,93)	69 (22,92)	138 (45,85)
UFRJ	281 (2,35)	243 (86,48)	38 (13,52)	208 (74,02)	73 (25,98)	16 (5,69)	22 (7,83)	57 (20,28)	186 (66,19)
UFPR	270 (2,26)	229 (84,81)	41 (15,19)	200 (74,07)	70 (25,93)	10 (3,7)	31 (11,48)	60 (22,22)	169 (62,59)
UFSM	267 (2,24)	232 (86,89)	35 (13,11)	185 (69,29)	82 (30,71)	14 (5,24)	21 (7,87)	68 (25,47)	164 (61,42)
UFG	264 (2,21)	202 (76,52)	62 (23,48)	185 (70,08)	79 (29,92)	23 (8,71)	39 (14,77)	56 (21,21)	146 (55,3)
PUC-PR	249 (2,08)	241 (96,79)	8 (3,21)	171 (68,67)	78 (31,33)	2 (0,8)	6 (2,41)	76 (30,52)	165 (66,27)
UNESP	242 (2,03)	165 (68,18)	77 (31,82)	157 (64,88)	85 (35,12)	27 (11,16)	50 (20,66)	58 (23,97)	107 (44,21)
UNISINOS	241 (2,02)	206 (85,48)	35 (14,52)	182 (75,52)	59 (24,48)	9 (3,73)	26 (10,79)	50 (20,75)	156 (64,73)

UNB	222 (1,86)	196 (88,29)	26 (11,71)	169 (76,13)	53 (23,87)	12 (5,41)	14 (6,31)	41 (18,47)	155 (69,82)
UNIFESP	209 (1,75)	170 (81,34)	39 (18,66)	160 (76,56)	49 (23,44)	7 (3,35)	32 (15,31)	42 (20,1)	128 (61,24)
UFBA	192 (1,61)	146 (76,04)	46 (23,96)	127 (66,15)	65 (33,85)	21 (10,94)	25 (13,02)	44 (22,92)	102 (53,12)
UNIOESTE-PR	187 (1,57)	166 (88,77)	21 (11,23)	131 (70,05)	56 (29,95)	4 (2,14)	17 (9,09)	52 (27,81)	114 (60,96)
UFRN	185 (1,55)	142 (76,76)	43 (23,24)	131 (70,81)	54 (29,19)	16 (8,65)	27 (14,59)	38 (20,54)	104 (56,22)
UFPE	167 (1,4)	162 (97,01)	5 (2,99)	127 (76,05)	40 (23,95)	3 (1,8)	2 (1,2)	37 (22,16)	125 (74,85)
UFPI	155 (1,3)	126 (81,29)	29 (18,71)	108 (69,68)	47 (30,32)	8 (5,16)	21 (13,55)	39 (25,16)	87 (56,13)
UEC	155 (1,3)	105 (67,74)	50 (32,26)	93 (60)	62 (40)	23 (14,84)	27 (17,42)	39 (25,16)	66 (42,58)
UFU	155 (1,3)	119 (76,77)	36 (23,23)	102 (65,81)	53 (34,19)	16 (10,32)	20 (12,9)	37 (23,87)	82 (52,9)
UFPEL	133 (1,11)	112 (84,21)	21 (15,79)	94 (70,68)	39 (29,32)	8 (6,02)	13 (9,77)	31 (23,31)	81 (60,9)
UFOP	127 (1,06)	84 (66,14)	43 (33,86)	80 (62,99)	47 (37,01)	18 (14,17)	25 (19,69)	29 (22,83)	55 (43,31)
FAJE	119 (1)	109 (91,6)	10 (8,4)	94 (78,99)	25 (21,01)	3 (2,52)	7 (5,88)	22 (18,49)	87 (73,11)
UGF	114 (0,95)	85 (74,56)	29 (25,44)	75 (65,79)	39 (34,21)	14 (12,28)	15 (13,16)	25 (21,93)	60 (52,63)
UFF	97 (0,81)	82 (84,54)	15 (15,46)	71 (73,2)	26 (26,8)	4 (4,12)	11 (11,34)	22 (22,68)	60 (61,86)
UFES	94 (0,79)	68 (72,34)	26 (27,66)	70 (74,47)	24 (25,53)	5 (5,32)	21 (22,34)	19 (20,21)	49 (52,13)
PUC-Campinas	90 (0,75)	49 (54,44)	41 (45,56)	70 (77,78)	20 (22,22)	7 (7,78)	34 (37,78)	13 (14,44)	36 (40)
UEL	90 (0,75)	77 (85,56)	13 (14,44)	63 (70)	27 (30)	5 (5,56)	8 (8,89)	22 (24,44)	55 (61,11)
UCS	83 (0,69)	77 (92,77)	6 (7,23)	48 (57,83)	35 (42,17)	4 (4,82)	2 (2,41)	31 (37,35)	46 (55,42)
FSB-RJ	71 (0,59)	69 (97,18)	2 (2,82)	51 (71,83)	20 (28,17)	0 (0)	2 (2,82)	20 (28,17)	49 (69,01)
UFPA	64 (0,54)	53 (82,81)	11 (17,19)	51 (79,69)	13 (20,31)	2 (3,12)	9 (14,06)	11 (17,19)	42 (65,62)
UFS	62 (0,52)	60 (96,77)	2 (3,23)	50 (80,65)	12 (19,35)	1 (1,61)	1 (1,61)	11 (17,74)	49 (79,03)
UFABC	62 (0,52)	33 (53,23)	29 (46,77)	47 (75,81)	15 (24,19)	6 (9,68)	23 (37,1)	9 (14,52)	24 (38,71)
USJT	62 (0,52)	42 (67,74)	20 (32,26)	42 (67,74)	20 (32,26)	9 (14,52)	11 (17,74)	11 (17,74)	31 (50)
UFRRJ	61 (0,51)	58 (95,08)	3 (4,92)	40 (65,57)	21 (34,43)	1 (1,64)	2 (3,28)	20 (32,79)	38 (62,3)
CEFET-RJ	58 (0,49)	43 (74,14)	15 (25,86)	41 (70,69)	17 (29,31)	2 (3,45)	13 (22,41)	15 (25,86)	28 (48,28)

UEM	57 (0,48)	48 (84,21)	9 (15,79)	41 (71,93)	16 (28,07)	0 (0)	9 (15,79)	16 (28,07)	32 (56,14)
UFMT	52 (0,44)	37 (71,15)	15 (28,85)	40 (76,92)	12 (23,08)	7 (13,46)	8 (15,38)	5 (9,62)	32 (61,54)
UFJF	38 (0,32)	36 (94,74)	2 (5,26)	29 (76,32)	9 (23,68)	2 (5,26)	0 (0)	7 (18,42)	29 (76,32)
UFMA	25 (0,21)	18 (72)	7 (28)	14 (56)	11 (44)	4 (16)	3 (12)	7 (28)	11 (44)
UERN	22 (0,18)	17 (77,27)	5 (22,73)	16 (72,73)	6 (27,27)	3 (13,64)	2 (9,09)	3 (13,64)	14 (63,64)
UNESPAR	22 (0,18)	16 (72,73)	6 (27,27)	13 (59,09)	9 (40,91)	5 (22,73)	1 (4,55)	4 (18,18)	12 (54,55)
UNIMONTES	17 (0,14)	16 (94,12)	1 (5,88)	10 (58,82)	7 (41,18)	1 (5,88)	0 (0)	6 (35,29)	10 (58,82)
UFMS	12 (0,1)	8 (66,67)	4 (33,33)	9 (75)	3 (25)	1 (8,33)	3 (25)	2 (16,67)	6 (50)
UFAM	12 (0,1)	9 (75)	3 (25)	8 (66,67)	4 (33,33)	2 (16,67)	1 (8,33)	2 (16,67)	7 (58,33)
UFMG	9 (0,08)	9 (100)	0 (0)	6 (66,67)	3 (33,33)	0 (0)	0 (0)	3 (33,33)	6 (66,67)
UFT	8 (0,07)	8 (100)	0 (0)	7 (87,5)	1 (12,5)	0 (0)	0 (0)	1 (12,5)	7 (87,5)
UFAL	7 (0,06)	4 (57,14)	3 (42,86)	5 (71,43)	2 (28,57)	1 (14,29)	2 (28,57)	1 (14,29)	3 (42,86)
UFT-Fundação	6 (0,05)	6 (100)	0 (0)	4 (66,67)	2 (33,33)	0 (0)	0 (0)	2 (33,33)	4 (66,67)
UFPA	3 (0,03)	1 (33,33)	2 (66,67)	1 (33,33)	2 (66,67)	1 (33,33)	1 (33,33)	1 (33,33)	0 (0)
UVA	2 (0,02)	2 (100)	0 (0)	1 (50)	1 (50)	0 (0)	0 (0)	1 (50)	1 (50)
UFFS	2 (0,02)	2 (100)	0 (0)	2 (100)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	0 (0)	2 (100)

Fonte: Elaboração própria a partir do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.